

MEDOS

O medo é um pesadelo que mesmo depois de acordados persiste. A verdade é que só tem poder e realidade se quisermos acreditar nele. É impotente, não cria nada, só cria mais medo, que nos pode drenar toda a energia. Não é, de todo, bom conviver com ele.

O medo é invisível, não existente, mas presente e influente em muitas situações por que se passa na vida. Pode ser só um, mas toma várias formas. Contudo, o medo é uma ilusão, a ser quebrada.

Medo de olhar para dentro e de não ver nada ou ver tudo.

Medo de olhar para fora e deparar-se com um deserto árido.

Medo do coração, de se aprofundar no sentimento. A mente é mais segura. Com a mente medimos, calculamos, sabemos para onde vamos, com o coração não sabemos onde estamos, ninguém está connosco.

É o medo do vazio, de não ser nada, ser, tão só, existência. É assustador enfrentar e dissipar o medo, enfrentar o vazio interior.

O medo de ser muito e não ser capaz de o sustentar. De ferir, de ser ferido, de estar sozinho, mesmo acompanhado.

Medo de procurar, encontrar ou não encontrar, conseguir e não conseguir, ficar frustrado.

Medo de se perder nas viagens interiores meditativas pelo universo, de enlouquecer.

Medo de perder algo ou alguém.

Medo de se expor a estranhos, medo da intimidade. É mais seguro ter uma certa defesa.

Medo de morrer, morrer para o mundo, morrer para algo, para alguém. Medo do desconhecido, da incerteza, medo da vida.

Medo do interior, do escuro. Lá fora há mais luz.

O medo da ilusão e suas consequências, de cair no abismo onde não há referências. Ninguém está ali.

Não há um mapa, só um tremendo medo.

A vida é um perigo constante. Morremos a todo o momento. Já a morte é segura. Para quê o medo, então?

Inês Melo

Abril 2025

HOMICÍDIO ANUNCIADO?

Já mesmo no fim do turno de sexta-feira e quase a adormecer de tédio de tão refastelado se encontrava na cadeira, Rui Perdigoto ouviu o som estridente do telefone na secretária do seu escritório. Meio estremunhado atendeu e, rapidamente, algo despertou inteiramente a sua atenção.

Intrigado, reconheceu a voz do outro lado, por já a ter ouvido outras vezes, não em directo mas em programas de rádio e televisão. Tratava-se de um grande industrial da zona, sobejamente conhecido pelas várias entrevistas dadas a todos os meios de comunicação social mas, principalmente, pela sua enorme fortuna e fama de homem empreendedor.

Perplexo, ouviu o seu interlocutor dizer-lhe que estava a contactá-lo pelo facto de o saber um inspector policial muito competente pois tinha conhecimento da sua actuação na resolução de um crime intrincado no ano anterior e que, por essa razão requiritava os seus serviços *pós morten*.

Completamente incrédulo ouviu então o seu interlocutor dizer-lhe que pensava que iria ser assassinado na próxima semana e que, a pessoa que o faria estava certamente entre os seus familiares ou amigos mais próximos. Neste contexto precisava de falar com o inspector urgentemente pelo que, marcaram uma conversa para segunda-feira de manhã na residência do industrial.

Ao ouvir na rádio as primeiras notícias na manhã de segunda-feira, enquanto se arranjava para a conversa com o industrial que o tinha contactado três dias antes, parou de se vestir, completamente siderado com o que ouvia e abriu o telemóvel para confirmar no noticiário on-line o que realmente acontecera.

Alberto Villas Boas tinha sido assassinado em sua casa durante o jantar de Domingo que habitualmente acontecia todas as semanas e, no qual, os convidados à mesa eram sempre os mesmos:

A sua ex-mulher Susana e os dois filhos: André e Carlos, já homens, fruto desse primeiro casamento, a sua actual mulher Arcelina e a jovem filha de ambos: Irene; a única irmã: Madalena, uma senhora idosa, mas ainda bastante perspicaz e mordaz nas observações que amiúde fazia; a sua secretária lá do escritório e o contabilista que trabalhava consigo desde o início do negócio que montara nos primeiros anos da idade adulta.

Rui Perdigoto acabou de se vestir o mais rápido que conseguiu e dirigiu-se de imediato para a residência do industrial que, sabia agora, estava certo quanto ao facto de desconfiar de alguém o desejar assassinar; mandando chamar para interrogatório todas as pessoas que haviam estado presentes no último jantar de Alberto Villas Boas.

O álibi era igual para todos: ninguém se havia ausentado da mesa, a não ser quando, todos juntos se dirigiram à pressa ao escritório onde, não se sabe por que carga de água, a grafonola tinha, repentinamente, começado a tocar em altos berros um som estridente de ranger de portas emperradas. Toda a gente saíra ao mesmo tempo e regressado à mesa sem ninguém se desviar.

E isso era um dado muito importante, pois tinha acabado de chegar o relatório da autópsia e, a causa de morte havia sido envenenamento por frutos secos aos quais Alberto era altamente alérgico.

(continua)

(Continuação)

Tendo sido o único comensal que não se levantara da mesa aquando do ruído no escritório da casa, era improvável alguém ter colocado frutos secos triturados no seu prato sem que ele próprio se apercebesse.

Após todos os interrogatórios e a perícia feita à cozinha da casa, onde não foram encontrados quaisquer vestígios de frutos secos, o inspector Rui passou por longos momentos de reflexão, longe de imaginar o que acontecera.

Só na abertura do testamento do industrial e, depois de ter falado com o médico assistente, Rui tirou a conclusão que lhe dera volta ao miolo.

Alberto Villas Boas sofria de uma doença incurável, já em fase terminal e tinha alterado o seu testamento há pouco mais de um mês, totalmente a favor da sua secretária e do seu filho com a mesma, ainda em fase de gestação.

À mulher e ex-mulher deixava a enorme casa para que vivessem em comunhão, os filhos adultos eram saudáveis e todos tinham já meios de sustento. A irmã tinha a sua própria casa e um rendimento vitalício deixado ainda pelo pai de ambos.

Os únicos desprotegidos eram o seu amor do momento: a secretária e o filho de ambos a caminho.

Completamente incrédulo o inspector concluiu que não fora assassinato, mas sim, suicídio. O industrial colocara no seu próprio prato os frutos secos triturados, misturando-os com a comida, no momento em que todos tinham saído da mesa para verificar a origem do ruído insólito.

Maria Cândida Martins

Póvoa de Santa Iria, abril 2025

Jogo de cartas

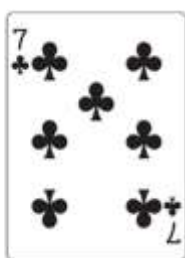


Vamos exercitar o cérebro?



Com as quatro cartas abaixo indicadas, realize um cálculo cujo resultado seja 21. Só pode usar cada carta uma vez.

Valete(J) =11, Dama (Q) =12, o Rei (K) =13



$$\boxed{} + \boxed{} - \boxed{} + \boxed{} = 21$$

Solução: No próximo número 😊😊

Folhas Vivas

Corpo editorial

Director:

- M. Leonor Carvalho

Corpo redactorial e coordenador:

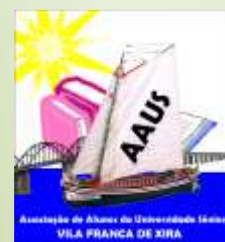
- Emílio Duarte
- Zí Menezes Reis
- José Morgado
- M^a Gabriela Caldeira
- M^a Fátima S. Silva

Colaboração neste número

Inês Melo, Maria Cândida Martins, José Morgado

- ♦ -

Para críticas, sugestões e colaboração, contactar:



Tlf. - 21 953 30 50

Tlm. - 961 303 636

Morada:

Palácio da Quinta
Municipal da Piedade
2625-201 PÓVOA DE SANTA IRIA

E-mail:

aausvfxira@sapo.pt

Site:

AGENDA

4/4 - Festival da Primavera
De 11 a 27/4 - Férias da Páscoa